

DISCURSO - MEDALHA DE MÉRITO ELEITORAL – 25/04/2023

Excelentíssimo Senhor Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais, Desembargador Maurício Torres Soares, em nome do senhor, gostaríamos, antes de mais nada, de agradecer à Corte do Tribunal e ao Conselho da Medalha do Mérito Eleitoral por esta homenagem.

Cumprimento o Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais, Desembargador Octavio Augusto Bocalini, em nome de quem cumprimento as autoridades que compõem a mesa de honra e todas autoridades aqui presentes.

Senhoras e senhores,

Queridos amigos e amigas,

Boa tarde!

Peço licença para iniciar com a citação de um poema de autoria da liderança indígena **Iltinho Maxakali**:

**“O Maxakali planta feijão andu
quando cresce vai dar flores e amadurecer.
Depois tira a casca,
cozinha, mistura com arroz e come.
Também a lagarta come a folha do andu.”**

Esse poema traduz, com simplicidade e sutileza, a importância da relação entre os povos originários e a natureza. Há milênios os indígenas guardam as florestas e com elas convivem harmoniosamente.

O olhar de Iltinho Maxakali é apurado: vê o feijão andu, uma vez plantado, gerar flores e amadurecer para, somente após, misturar-se ao arroz e servir de alimento para aqueles que o plantaram. E também aos outros animais.

O ciclo do andu começa com uma indefinição: não se sabe, ao certo, se a semente vingará. A semente é o potencial do novo, do que está por vir.

É preciso ser paciente, aguardar germinar, florescer e amadurecer.

A medalha do mérito eleitoral Desembargador Vaz de Mello, que hoje temos a honra e alegria de receber, também passou por esse ciclo.

Afinal, esse fruto que agora colhemos se iniciou com a semeadura de um sonho; com a semente de um ideal de cidadania, democracia e justiça.

Não há como falarmos no projeto ora reconhecido pelo TRE-MG como relevante serviço prestado à Justiça Eleitoral, sem pensarmos em como tudo começou.

A primeira semente foi lançada em fevereiro de 2020, quando estivemos pela primeira vez com as lideranças indígenas de Água Boa e Pradinho, dentre elas, Maria Diva Maxakali, Margarida Maxakali, João Bidé Maxakali, que aqui hoje representam o povo Maxakali. Fomos muito bem recebidos e acolhidos.

Não demorou para percebermos o quanto o solo era fértil. A confiança foi estabelecida a partir de pontes entre os corações, sem pretensões iniciais outras que não fossem a de conhecermo-nos reciprocamente.

O solo passou a interagir com as sementes.

Demandas historicamente represadas passaram a brotar, como, por exemplo, a dificuldade de acesso à documentação civil, o que nos fez perceber, logo no início, a enorme distância existente entre os direitos previstos no texto da Constituição de 1988 e a realidade social daquele povo. Aqui, começaram os mutirões de carteira de identidade e de título de eleitor, que passaram a ser entregues nas aldeias.

Depois desses primeiros brotos, o crescimento passou a demandar outros nutrientes, mãos cuidadosas. E mais paciência. Assim, a constatação de que inúmeras demandas exigiam, e ainda exigem, a presença de outros atores do sistema de justiça como o Ministério Público Estadual e Federal, Defensoria Pública Estadual e da União, OAB e Polícia Civil. Sempre com a presença indispensável da FUNAI, que conoscou participou do projeto desde o seu nascedouro.

Todos passaram a ser convidados para os encontros. Novas contribuições passaram a existir para que as ações pudessem se desenvolver.

Os atores que participaram da intensificação do cultivo, muitos dos quais aqui presentes, fazem parte de um mesmo processo de plantio em colaboração, nesse solo fértil dos Maxakali.

Tudo isso graças às condições ideais oferecidas pelos Maxakali. A cada reunião marcada, a presença maciça de homens e mulheres dispostos a compartilhar suas vivências e sua sabedoria ancestral.

Seja sob chuva forte ou sol arisco, não houve uma vez sequer em que as rodas de conversas estivessem vazias.

Os Maxakali, é verdade, têm suas ágoras de discussão e deliberação coletivas há muito mais tempo do que nós temos nossos tribunais. Isso pode explicar o porquê de as sementes de justiça e democracia que levamos tenham tão bem se desenvolvido.

A terra fértil, a semente germinada, os brotos crescidos...o solo passou a apontar os caminhos para a colheita.

Era tempo das flores, tempo das frutas. Durante o processo de escuta ativa e atenta, novas possibilidades nasciam, sempre a partir daquilo que era demandado pelos Maxakali.

Audiências de direito de família nas aldeias foram e continuam sendo realizadas, com tradução simultânea para a língua Maxakali.

Novas seções eleitorais foram criadas.

Eições parametrizadas foram e continuam sendo realizadas. A primeira delas contou inclusive com a presença do então Presidente do TRE MG Des. Marcos Lincohn e do vice presidente (hoje presidente), Des. Maurício Soares.

Sem dúvidas, um momento muito especial. Algo talvez inédito no Brasil, urnas eletrônicas com candidatos fictícios representados por animais desenhados pelos próprios Maxakali, e com texto em idioma originário.

A cada simulação, uma festa com rituais de agradecimento.

E o resultado das eleições simuladas não poderia ser mais simbólico: venceu a **formiga**. Se lá no poema do Itinho Maxakali, a lagarta que come a folha do andu remonta à partilha do alimento, no nosso processo eleitoral simulado, a formiga foi, a seu modo, também um **símbolo. Signo da partilha de esforços, do trabalho perene e colaborativo.**

O exemplo dos Maxakali tem muito a nos ensinar. E não nos referimos apenas à possibilidade de replicação das ações do projeto com outros povos e comunidades tradicionais. **Os Maxakali e seu apreço pela democracia e pelo diálogo falam diretamente conosco, sociedade envolvente.**

Se, como afirma **Ailton Krenak**, “o futuro é ancestral e a humanidade precisa aprender com ele a pisar suavemente na terra”, podemos, de nossa parte, aprender também com a ancestralidade sobre o valor do exercício da soberania popular e da participação democrática.

O espírito democrático está no cerne de todo o processo que nos trouxe até aqui. Cidadania, democracia e justiça como sementes cultivadas em colaboração, em fazer harmônico, permitiram a colheita ideal.

Cito, novamente, **Ailton Krenak**: ele nos ensina que nas sementes, por menores que sejam, dormem florestas, frutos e flores; e **que nós devemos ser sementes no mundo: potências de esperança, solidariedade, alteridade e justiça. Sementes que precisam ser disparadas a partir do coração.**

Por fim, devo dizer que a fruta não é o final do ciclo, mas o início de um novo ciclo. Ela guarda em si novas sementes, que ressuscitam no chão, em nova semeadura. Estamos agora colhendo alguns frutos, mas novos ciclos nos aguardam.

Assim, a medalha que com gratidão ora recebemos nos faz celebrar toda a colheita já realizada, e todo o processo de cultivo, mas também nos lembra que novas semeaduras precisam ser feitas, tanto no solo Maxakali quanto em outras terras.

E o cultivador, em sua festa de colheita, não pode deixar de pontualmente agradecer a todas e todos que colocaram as mãos na terra, que fizeram parte da metamorfose da semente.

É como nos ensina Itinho Maxakali: o andu, que com arroz se come, não serve apenas um, estamos aqui em mesa compartilhada.

Agradeço, primeiramente, a Deus/Tupã, causa primária de todas as coisas, semeador universal, pela dádiva de nos permitir plantar, cultivar e colher neste planeta.

À minha esposa, **Poliana, e meus filhos, Sara e Jorge**, base e sustentação do meu viver. Com vocês a minha existência tem outro sentido!

Aos **meus pais, avós, todos os familiares e amigos**, pelo exemplo, inspiração e, principalmente, amor.

Aos Maxakali: nas pessoas de Maria Diva, Margarida e João Bidé, agradeço por todos aprendizados, pela amizade sincera construída. **nhá bai, tupã metê tiê, Yamichu.**

À FUNAI, em especial ao Ilton e Marilton, pela parceria estreita desde o início do projeto. Vocês são muito importantes. Aproveito para agradecer a vocês por toda contribuição ao povo Maxakali nesses mais 36 anos de trabalho, dedicação e amor ao que fazem.

Ao TRE/MG e à Escola Judiciária Eleitoral, que sempre apoiaram o projeto no eixo “Democracia”, viabilizando a criação de novas seções eleitorais e a adaptação da urna eletrônica com o desenvolvimento do software necessário.

À equipe da Zona Eleitoral de Águas Formosas, em nome de Luciana e Rafael, por terem participado de corpo e alma do projeto, enfrentando sol e chuva para que ele acontecesse.

Ao TJMG, em especial à 3ª vice-presidência, pelo acolhimento do projeto desde o nascedouro no CEJUSC de Águas Formosas, com a institucionalização e expansão da iniciativa.

A toda equipe da comarca de Águas Formosas, que, mesmo com todo o volume de trabalho, compartilharam do processo de semeadura.

A cada um e cada uma, e não são poucos, que, à sua maneira, contribuiu no processo de semeadura, cultivo e colheita.

Nha Bai! MUITO OBRIGADO!

Belo Horizonte, 25 de abril de 2023.

Matheus Moura Matias Miranda